

## IMPrensa E ESCOLA NA CIDADE PORTUÁRIA: A EEPG BARNABÉ VISTA PELO JORNAL *A TRIBUNA* DURANTE O SÉCULO XX

Maria Helena Bittencourt Granjo – UNISANTOS

O presente estudo tem natureza histórica e foi realizado a partir da ótica da História Cultural e Social. Tem como inspiração teórica historiadores contemporâneos como E. Thompson e Carlo Ginsburg; faz parte de uma pesquisa de maior amplitude, que visa esclarecer as relações entre a escola e a população por ela servida na cidade portuária de Santos.

Foram trabalhadas notícias publicadas no jornal de maior circulação na cidade a respeito do *Grupo Escolar Barnabé*, que começou a funcionar em 1902 e até hoje serve as pessoas que habitam à sua volta. Buscou-se perceber como *A Tribuna de Santos*, refletiu e analisou as mudanças ocorridas na Instituição de Ensino, transformações determinadas por diferentes políticas da educação ou decorrentes de mudança na região central da cidade em que a escola está situada. Para o estudo foram utilizados os artigos do jornal mencionado, documentos da escola, depoimento da diretora e bibliografia a respeito da cidade de Santos.

O estudo permitiu esclarecer o papel que o jornal teve não apenas no que se referiu às notícias das festas escolares, mas a forma pela qual acompanhou e participou das lutas da escola para continuar a prestar seus serviços a uma clientela que se transformou profundamente no decorrer do século XX. A *Escola Barnabé* em 1902 estava situada junto ao grande porto do café, ao lado do florescente comércio da cidade santista, dos casarões da elite local e também de habitações mais pobres, muitas vezes coletivas; no final do século era rodeada por um comércio decadente, numa região degradada onde restaram os moradores de cortiço, os habitantes dos morros e os moradores de rua.

Na cidade portuária voltada para o comércio exterior, as autoridades e as camadas dominantes, de muitas formas, manifestaram sua preocupação com a ordem pública pela necessidade de manter um nível de organização que não comprometesse as transações. Povoada por imigrantes vindos de paragens diversas que nela se estabeleceram e recebendo tripulantes desembarcados dos navios por longas temporadas, ficava Santos com seu clima quente e úmido, sujeita à invasão de costumes estranhos e à propagação de epidemias..

Logo se impôs a necessidade de organizar a vida urbana e educar a população diversificada para a disciplina. A preocupação de imprimir um padrão de conduta a cidadãos de origens e costumes tão diversos transparece no Código de Posturas aprovado pela municipalidade em 1890. Desde o início do século, *A Tribuna*, principal órgão da imprensa local, teve papel importante na veiculação das idéias da intelectualidade e da elite urbana.

Este estudo não teve a preocupação de analisar o jornal como um todo, mas, a sua relação com a escola pública durante o século XX. Esse enfoque apresenta-se como adequado, pois, como lembra Faria Cruz (2000 p. 33), Mumford já em 1965 indicava como invenções características da cidade e da vida urbana o registro escrito, a biblioteca, o arquivo, a escola e a universidade.

Em diversos momentos históricos, em relações sociais diferentes, a escrita e a leitura mediarão os vínculos dos habitantes das cidades. As tensões e articulações entre a cultura letrada, campo privilegiado da expressão das elites, e a oralidade constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna (CRUZ, 2000, p. 33).

Foram escolhidos como principais focos da pesquisa, a Escola Barnabé que começou a funcionar em 1902 e até hoje atende a população do centro da cidade de Santos e o jornal *A Tribuna* que surgiu em 1894 e sucedeu à *Tribuna do Povo*, fundada 1899 pelo jornalista Olímpio Lima. Esta declarou-se independente de qualquer partido político e deixou de ser publicada em 1899, vitimada por embaraços financeiros. Em dezembro do mesmo ano surgiu *A Tribuna*, agora de propriedade de Manoel Monjardim. Ainda que proclamasse independência das diversas correntes políticas, durante longos períodos, o jornal foi escolhido para receber a matéria oficial paga do município: publicava o expediente da Prefeitura e as atas do Legislativo.

Na maioria dos casos, as brigas de jornais com a Câmara e Intendente ou Prefeito tinham uma só origem: não lhes era distribuída a matéria publicitária dos atos oficiais do Legislativo e Executivo, mas sim a outro concorrente mais dócil e acomodaticio...*A Tribuna*, desde os primeiros anos da fase M. Nascimento Júnior, tornou-se órgão oficial da Municipalidade. (...) Todavia *A Tribuna* também já fora oposição ao governo municipal, embora com atitude sempre comedida (RODRIGUES, 1979, p. 73-74).

Em 1911 *A Tribuna* foi comprada pelo Jornal do Brasil do Rio de Janeiro e fez a propaganda de candidatura Hermes à presidência da República.

A *Escola Barnabé* recebeu seu nome em homenagem ao comendador Barnabé Francisco Vaz de Magalhães, que determinou em seu testamento a doação de 50 contos de reis que

deveriam ser destinados à construção de uma escola. Em virtude dessa determinação, a prefeitura de Santos doou ao Governo do Estado o terreno de uma quadra, na Praça Correia de Melo, localizada entre a Rua São Francisco e o Monte Serrat, para a construção do prédio de dois andares com oito salas de aula, sala onde funciona a secretaria, sala do diretor, sala dos professores.

O relato de Edith Pires Gonçalves Dias anuncia a relação que pode ser estabelecida entre o ensino em Santos e o jornal, no início do século XX:

Eu digo sempre com muito orgulho que minha cartilha foi o jornal *A Tribuna* e meu professor meu pai. (...) Os que tinham boa condição econômica, contratavam professores particulares que compareciam diariamente para suas aulas. (...) No início do século, as famílias de posse não se contentavam com o curso do Grupo Escolar e mandavam seus filhos para São Paulo onde havia excelentes colégios (DIAS, 2005, p. 21).

O relato deixa claro ainda que a elite local não considerava o ensino do Grupo Escolar como adequado aos seus filhos. As crianças da elite liam *A Tribuna*, mas não freqüentavam o Grupo. A lista de colégios bons da cidade, organizada pela autora, não incluía o Barnabé.

O século XX trouxe grandes transformações a Santos. Em virtude do programa de saneamento desencadeado em função das epidemias que dizimaram boa parte da população no final do séc. XIX, muitos dos casarões transformados em cortiços foram demolidos, acarretando agravamento do problema crônico de falta de moradias. O Recenseamento da Cidade e Município de Santos elaborado pela prefeitura local indicava um número muito alto de habitantes por prédios habitados. Na cidade, zona de maior aglomeração da população, havia 14 habitantes por moradia, dado que revelava a precariedade na qualidade de vida dos moradores.

Pressionada pelas determinações da fiscalização sanitária, muitos pobres viram-se obrigados a deixar o centro da cidade. Instalaram-se, então, nos arrabaldes em habitações de madeira, construídas com material que chegava ao porto protegendo as cargas, em sistema de mutirão. Essas edificações receberam o nome de chalés e se constituíram no modo que, as pessoas menos favorecidas, na ausência de políticas públicas que visassem resolver o problema habitacional, encontraram uma forma de abrigar suas famílias. Os chalés eram construções clandestinas, de madeira, edificadas sobre pilares de alvenaria, com planta extremamente simples.

As autoridades constituídas ignoraram oficialmente, o mais que puderam o problema habitacional que empurrou os excedentes populacionais do antigo centro

para as áreas periféricas, primeiro para Vila Mathias (1880-1910); em seguida para a Vila Macuco (1890); Vila Belmiro (1910-1915); Campo Grande (1915-1925) e Vila Santista (1915) (ANDRADE, 1989, p. 215).

Outras famílias conseguiam fixar-se no centro da cidade, em cortiços que foram poupados ou habitavam casas construídas em terreno de 10m por 25m onde plantavam ao lado de flores, verduras, legumes e uma ou outra árvore frutífera. Nos quintais havia sempre uma parte gramada que era usada para coradouro de roupa e um cercado onde eram criados animais, como: galinhas patos cabras, porcos, coelhos. Os chalés reproduziram esse tipo de organização do quintal. Nem sempre uma família conseguia manter uma casa só para si, era obrigada a dividi-la.

Só na residência em que morávamos coabitavam três famílias. A mesma cozinha, o mesmo banheiro, o mesmo tanque de lavar roupa, o mesmo quintal. Convivência harmoniosa sem brigas, sem nada. Aquilo deveria ser a convivência de uma sociedade comunista tão fervorosamente desejada por Karl Marx (MARQUES, 2000, p. 62).

Na verdade, a região que passou a ser conhecida como centro da cidade, perdeu os habitantes mais abastados que se mudaram para São Paulo, para fugir das epidemias ou que buscaram locais mais agradáveis, geralmente na proximidade das praias. Foi nesse contexto que surgiram, no centro da cidade, os dois Grupos Escolares destinados ao ensino da população, o *Barnabé* já apresentado e o *Cesário Bastos*, não muito distante do primeiro, no lado oposto do Monte Serrat.

Durante as primeiras décadas do século as notícias a respeito da escola referiam-se aos atos oficiais da vida escolar. No início do ano eram noticiadas as datas de matrícula, número de vagas; no fim do ano eram apareciam as exposições de trabalhos dos alunos para as quais a escola convidava autoridades, colégios e pessoas “gradas”. Eram publicadas as datas dos exames, muitas vezes a notícia era precedida da relação da matéria a ser estudada; dias mais tarde podiam ser conhecidas as notas de aprovação com o nome dos aprovados e com o grau que haviam recebido. Constava igualmente o número de reprovações. Eram privilegiadas as notícias das festas de colação de grau, que traziam a programação, a transcrição de hinos cantados, discurso do paraninfo e a relação das autoridades presentes. Neste caso sempre foram generosas as qualificações da elegância do salão e das pessoas presentes, as virtudes das autoridades e a eloquência dos discursos.

O jornal noticiava ainda ocorrências extraordinárias como no caso da suspensão das aulas do *Barnabé* por uma semana, em virtude do desabamento de parte do Monte Serrat. A

notícia datava de doze de maio de mil novecentos e vinte e oito e avisava que os alunos que provisoriamente estivessem freqüentando outras escolas particulares ou oficiais deviam esperar pela imprensa o comunicado de volta às aulas. Em vinte e três de maio veio a público a notícia prometida.

A respeito da instrução na cidade, o jornal algumas vezes se manifestou. Foram freqüentes nas primeiras décadas do século as matérias acerca da necessidade de uma Escola Normal que servisse o município. Em agosto de 1915 o jornal iniciou campanha com o título *A Instrução em Santos* que permite ao pesquisador o acesso á opinião relativa ao assunto, por parte de pessoas consideradas pela *Tribuna*, como competentes no campo da educação. Nos dias 11 e 12 de Agosto foi publicada e defendida a proposta do Jornal relativa ao alargamento do ensino na circunscrição, para isso, propunha a criação de imposto especial de mil reis *per capita*, uma vez que 3/5 da população em idade escolar estavam fora das salas de aula.

*A Tribuna* defendia o caráter legal da medida e estipulava que a verba fosse recebida diretamente pela prefeitura. Citava o recenseamento que dava a conhecer o fato de que apenas 40% da população santista recebiam instrução escolar. A partir do dia 14 de agosto o jornal passou a publicar depoimentos de pessoas escolhidas para opinar. O primeiro a se manifestar foi o Professor Tarquínio Silva, nascido no Maranhão, que lecionava em várias escolas particulares de Santos: Liceu Feminino Santista, Escola Alemã, Escola José Bonifácio. Ele louvou a iniciativa, mas, não concordou que a verba fosse usada no ensino básico. Preferia vê-la empregada na criação de um ginásio e de uma escola normal. Outro consultado o Sr. Stocker de Lima, Inspetor Literário Municipal, propôs que o imposto pretendido fosse empregado para dar aos professores uma remuneração mais condigna e para que se construíssem escolas em todos os arrabaldes. Na sua visão faltavam escolas e não professores bem preparados. Era, portanto, contra a criação de uma Escola Normal. Quanto a Adolfo Porchat de Assis, professor do Liceu Feminino, acreditava que os santistas devessem dar mais valor ao que possuíam ao invés de se preocuparem em imitar outras cidades. Enumerou escolas públicas e particulares existentes em Santos e concluiu: nem de Escola Normal Santos tinha necessidade naquele momento, uma vez que o Liceu Feminino oferecia o mesmo programa das Escolas Normais e preparava, portanto, professores capacitados. O que faltava, de acordo com o professor, era a boa vontade dos pais de colocarem seus filhos na escola e arcarem com a “módica taxa” cobrada pelo *Liceu*

*Feminino*. Tratava-se de um defensor da escola particular, também era contra a essência do projeto.

Insatisfeito com as opiniões colhidas, o jornal voltou a defender o projeto e por fim conseguiu a opinião favorável de Alfredo Tabyra que acreditava na municipalização do ensino e na necessidade de que cada freguesia tivesse sua escola. As respostas recebidas pelo jornal, preocupado em defender o ideal republicano de educação para todos, dão bem a medida do pensamento da elite santista e dos competentes em educação, a respeito da escola para o povo. O interesse de grupos específicos norteou as respostas. A proposta deve ter morrido ali, abortada talvez, por figuras de proa da educação santista.

A partir dos anos 60 tornou-se mais próxima a relação entre a escola e o jornal. Tudo indica que as dificuldades relativas à manutenção da escola e a carência de recursos para atender às necessidades de seus alunos fizeram que o *Barnabé* buscasse o jornal com o objetivo de que este ouvisse seus reclamos e os transmitisse à população da cidade bem como às autoridades.

No ano de 1967 o jornal publicou artigo de meia página com duas fotografias: do quadro de Benedito Calixto com retrato do comendador Barnabé em tamanho natural e outra, da primeira turma de diplomadas pelo grupo escolar. O artigo enaltecia a tradição e importância dessa instituição escolar, lembrava seus ilustres professores e ex-alunos para, em seguida, considerá-lo insuficiente para atender às necessidades locais, com suas dez salas que serviam a 1200 alunos; já não comportava a demanda da população em idade escolar. *A Tribuna* sugeria a construção de mais dois grupos escolares e um ginásio, lamentava, igualmente, a precária situação do serviço de manutenção da limpeza para o qual a escola contava apenas com dois serventes.

A partir de então o jornal foi chamado e colaborou com as campanhas da já então *EEPG* (Escola Estadual de Primeiro Grau) *Barnabé*. Em 1985 noticiou a necessidade da restauração do retrato do comendador Barnabé, pintado por Benedito Calixto. A diretora da escola, Iraní Abud Romano, que ainda permanece no cargo até hoje, procurava interessar algum órgão oficial ou entidade particular a responsabilizar-se pela despesa. Em 1987 o jornal anunciou a restauração do quadro graças à contribuição de um particular que preferiu permanecer anônimo. A notícia auspiciosa se faz seguir do relato de outras preocupações daqueles que trabalhavam na escola: o prédio estava cheio de goteiras, a

umidade prejudicava as atividades em quase todos os compartimentos do prédio e comprometia a conservação de documentos.

Durante o ano de 1987 em que o *Barnabé* comemorou 85 anos de fundação, vários artigos de *A Tribuna* mesclaram referências às comemorações e pedidos de ajuda afim de que fossem contornados os problema de conservação do prédio: goteiras e rede elétrica em deplorável estado. As comemorações dos noventa anos da escola renderam artigos de júbilo pelos serviços prestados pelo estabelecimento de ensino à construção da cidade, bem como de lamentações relativas à precariedade do prédio, conseqüente e inevitável degradação dos serviços prestados e pelo descaso das autoridades. Precedendo a comemoração dos 100 anos o jornal anunciou a reforma e pintura de prédio em grande parte fruto do esforço da população local.

Na década de 90 quando a cidade despertou para a riqueza e possibilidades dos acervos de suas escolas *A Tribuna* prestou seu auxilio publicando o apelo para que alunos, ex-alunos e moradores doassem ao *Barnabé* qualquer material referente à escola que tivessem em seu poder. O jornal noticiou ainda em 1994 o trabalho dos técnicos do Centro Memória Cultural (Cemec), da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, que organizaram os documentos da Escola para torná-los acessíveis a alunos e pesquisadores da história da Cidade.

Ainda na mesma década as publicações referentes à escola deixaram patente a deterioração da renda dos habitantes da zona central e os esforços da escola no sentido de atender às necessidades de seus alunos:

A merenda do *EEPG Barnabé* está mais substanciosa. (...) O benefício é resultado da receita obtida de Associação de pais e mestres com a publicidade veiculada no muro da escola, localizada no Centro. (...) A receita deste mês é da ordem de Cr\$ 45 mil. (...) A única receita até então era o aluguel do pátio da escola para estacionamento (*A Tribuna*, 19/4/94).

Ainda que a APEOESP (Associação de Professores das Escolas Oficiais de Estado de São Paulo) criticasse, por razões ideológicas, a atitude da direção da escola por assumir responsabilidades consideradas próprias do Estado, foi com expedientes semelhantes e com a ajuda da população que a direção do *Barnabé* conseguiu para seus alunos condições diferenciadas de convivência na escola. Em notícia de 24 de julho de 1990, *A Tribuna* criticou a Secretaria de Obras do Estado de São Paulo por não cumprir as promessas de

reformas que deveriam ter sido executadas nas férias de junho, faz ressalva relativa ao *Barnabé*.

Pelo menos para os escolares da *EEPG Barnabé*, no Centro, houve diferença. No final da semana cerca de 10 pais de alunos fizeram mutirão na unidade. Taparam buracos no reboco, rasparam paredes e limparam o teto das classes. (...) Os galões de tinta foram comprados pela APM com a locação de espaços do muro para publicidade, o estacionamento, além da quermesse. A escola já conseguiu comprar um aparelho de TV, videocassete, dois bebedouros e dois holofotes, a serem instalados na frente do prédio.

Outras notícias de integração com a comunidade foram publicadas em 18 de agosto de 1990 e 15 de abril de 1991, mais 300 alunos, irmãos de alunos e pais de alunos cortaram os cabelos gratuitamente na escola. Os cortes foram executados pelos alunos da escola de cabeleireiros Dermares Arte e Beleza.

Justamente no período em que a escola resolveu levar a público seus problemas e pedir ajuda, *A Tribuna* iniciou a publicação de artigos de ex-alunos do Barnabé com memórias, saudades ou denúncias a respeito da situação da escola no momento. Francisco De Marchi, que entrou na escola em 1925, lembrava dos mestres, dos colegas e de brincadeiras “nas faldas do Monte Serrat, encostado à escola.” Fez relato vivo de transformações da cidade de Santos em seu processo de modernização.

Na época, operários andavam arranhando a encosta do monte, ao lado da escola; nela seriam instalados os elevadores do Cassino Monte Serrate. Utilizando-nos da parte mais larga das palmas caídas das palmeiras imperiais que cresciam junto à fonte do Itororó usadas como trenós e puxadas por um colega, descíamos como um raio pelos sulcos abertos no morro (*A Tribuna*, 05/02/1986).

No ano seguinte, no dia 8 de dezembro *A Tribuna* publicou um artigo com o seguinte título, *Ex-aluno do Barnabé fica chocado com seu estado*, no qual havia a comunicação do recebimento de uma carta do ex-aluno da escola endereçada à diretora acompanhada de um donativo que deveria ser empregado na restauração do prédio. Dizia o ex-aluno Ayres Ribeiro Filho:

Foi com tristeza que fiquei sabendo do estado em que se encontra essa casa de ensino, à qual sou tão grato por minha primeira formação. (...) Contudo não posso aceitar inerte a deterioração deste símbolo que foi, para mim, o então Grupo Escolar Barnabé. (...) Espero que esta pequena contribuição possa auxiliar a manter essa grande escola de Santos, da qual sinto profundo orgulho de ter sido aluno.

Em 2 de setembro de 2000 o jornal publicou, por ocasião da comemoração dos 100 anos da fundação da escola, a história contada por dona Ruth de Carvalho e Silva Carmo que,

lúcida aos 106 anos de idade, recordava-se da construção do prédio do colégio, em estilo neoclássico, edificado defronte à casa em que habitava com os pais. Certamente D. Ruth era, na época, a mais velha das ex-alunas da escola. Ela completou o curso primário em 1909, mas ainda tinha presentes as professoras das quais comentou a forma de proceder e ensinar, bem como as brincadeiras com as colegas e os cuidados da mãe que não permitia que atravessasse a rua desacompanhada.

No decorrer do século o jornal e a escola mudaram muito. As transformações, entretanto, não implicaram, no caso da escola, em ruptura; há uma linha de continuidade que permite ao *Barnabé* que se reconheça em seu passado; não apenas pelo cuidado que teve com o acervo que preservou, mas também, pelo contato com gerações de alunos que visitaram e visitam a escola e que ainda zelam por ela. D. Iraní a diretora que está na escola há mais de 20 anos, lembra que nos bancos das salas de aula sentam-se agora netos daqueles que um dia foram seus alunos. Com muitas dessas pessoas a escola Estadual Barnabé pode ainda contar, elas participam da Associação de pais e mestres, cuidam do jardim, restauram os estragos do tempo, cozinham nas quermesses.

As notícias veiculadas pelo jornal contribuem para a composição do quadro que pode ser montado com os documentos coletados e os depoimentos colecionados: a escola republicana dos primeiros tempos, respaldada pelo interesse do poder público, pretendia aparecer como cônica de sua responsabilidade, confiante em sua competência e veio a público apenas para dar conta dos atos oficiais e para reafirmar sua liturgia. As discussões a respeito das crianças em idade escolar que não encontravam lugar em suas salas de aula, não partiam de seu interior; as questões da renovação de metodológica não faziam, pelo menos no caso em pauta, com que buscasse o jornal para abrir discussão com a população.

Foi apenas na segunda metade do século quando a crise de falta de verbas tornou-se aguda, quando a impossibilidade de realizar seu trabalho já não podia ser ignorada, que a escola Barnabé buscou parceiros nas diversas associações e camadas sociais. No caso da *EEPG Barnabé*, graças à engenhosidade de seus dirigentes e o reconhecimento dos serviços prestados por parte da população, a escola foi capaz de conseguir verba que possibilitou a manutenção de um atendimento aos alunos de qualidade reconhecida.

Ainda que mantivesse sempre o papel de veículo das idéias da elite local e primasse pelo tom moderado das críticas aos diferentes níveis de poder, *A Tribuna*, indiscutivelmente, publicou notícias a respeito da escola pública que permitiriam ao leitor interessado

elementos de reflexão relativos aos caminhos da educação popular. Nos momentos difíceis o *Barnabé* teve no jornal, um parceiro importante, pelo menos esta é a opinião da diretora da escola segundo a qual, sempre que chamado, *A Tribuna* respondeu prontamente.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. 1989. **O discurso do progresso: a evolução urbana em Santos (1870-1930)**. São Paulo : Tese de Doutorado, USP.

CRUZ, Heloisa de Faria. 2000. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana - 1890-1915**. São Paulo : EDUC, FAPESP, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado.

DIAS, Edith Pires Gonçalves. 2000. **Santos de ontem**. Santos : Fundação Arquivo e Memória, UNIMES, Museu Martins Fontes.

MARQUES, Nelson Salazar. 2000. **Imagens de um mundo submerso**. Santos : Leopoldianum.

MUMFORD, Lewis. 1998. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo : Martins Fontes.

RODRIGUES, Olao. 1979. **História da imprensa em Santos**. Santos : Gráfica de *A Tribuna*.